

Entrevista Bira de Xangô

Bira de Xangô: O importante não é Bira de Xangô. O mais importante ainda é Xangô e mais importante ainda é a cultura ao Orixá. A nossa religião tem muita [sic] que você vai numa livraria procurar um livro sobre Orixá e não está na parte de religião, está na parte esotérica. E algum evento, com exceção de alguns raros que já está existindo, tem alguma coisa folclórica aí vai chama o Candomblé. Eu acho absurdo. [...] A casa de Candomblé é um templo religioso, não é uma casa de negócio. Não é uma casa de mercado. Os babalorixás e lalorixás vêm como um negócio e os adeptos vê como a solução dos seus problemas e de suas frustrações. Nunca como um encontro com o seu Orixá que é o mais importante, não sou eu. É você melhorar como pessoa [...] continua falando desse melhorar como pessoas

Você vendo a história do Orixá vai ver que ele está muito próximo de você não é uma coisa que você não alcança, você alcança. Eu costumo dizer que o Orixá ele te afaga, te acalenta e dá um tapa na bunda assim “acorda”. [...]. Eu fico muito triste quando eu vejo a nossa religião se misturando com outros ângulos, outros rótulos, outras energias. Que eu não vou dizer que sejam inferiores, acho tão importante quanto, mas outras não é nossa. Tipo, roça de umbanda leva umbanda. Orixá é Candomblé é lá na casa do seu Joãozinho, do seu Manoel. Eu quero a umbanda lá no terreiro de umbanda, sobre isso eu sou muito sistemático. [...]

E: Data de fundação da casa?

Bira de Xangô: 21 de maio de 78.

E: É [illê]?

Bira de Xangô: Axé Ojú Obá Ogo Odô

E: A sua feitura o senhor tem data assim de memória?

Bira de Xangô: Tenho. Eu fui feito no santo dia 13 de janeiro de 1972. Eu sou o primeiro Iaô do Ille axé Opo Afonjá sou o primogênito do Ille axé Opo Afonjá? na Bahia.

E: Qual é o nome dele?

Bira de Xangô: Balbino Daniel dos Santos. Meu pai Rubelino. Ele não gostava que ninguém chamasse ele de Balbino, ou Rubelino ou seu Rubelino ou Pai Rubelino que é o apelido dele de infância. E as pessoas antigas do axé só chamam ele de Rubelino.

E: Tem obrigação de vinte e um anos?

Bira de Xangô: Tenho.

E: Quantos anos de santo?

Bira de Xangô: Tenho trinta e cinco. Fui feito em Janeiro e fiz trinta e cinco agora.

E: O seu nome mesmo:

Bira de Xangô: Ubirajara Gomes da Silva.

E: E de santo todo mundo Conhece como Bira de Xangô?

Bira de Xangô: Isso. Bira de Xangô, se falar Ubirajara ninguém saber quem é.

E: Tem idéia de quantos filhos de santo tem a casa?

Bira de Xangô: Uns setenta.

E: Muitos já tem casa?

Bira de Xangô: Não. Não tenho muitos que tem casa não. Não faço parte dessa [turma] de muitos com casas. É muita responsabilidade (rs).

E: O axé aqui é do Opó Afonjá?

Bira de Xangô: Nós somos aqui do Opo Afonjá. Tanto que eu fiz minha iniciação com pai Rubelino mas terminei todas as minhas obrigações com mãe Cantolina que também é do Opo Afonjá

E: E quantas Ekedis e Ogans tem aqui?

Bira de Xangô: Nós Ekedi aqui nós chamamos de ajouê, temos duas e Ogan são quatro. oba Xangô são quatro também, e temos dois Oloiê na casa no nível de Ogan.

E: E tem os cargos?

Bira de Xangô: Tem [Iaegbé] é mãe Severina de Oxum. Tem o Jamil que é o Babalaxé, tem Maria da Conceição que é Iakekerê é de Ogum é chamada de mãe [?], outro cargo importante que é da primeira filha de santo que eu fiz que é de Oxumaré Cremilda que é Iamoro,

E: Você tem fotos?

Bira de Xangô: Eu sou muito, eu tenho uma resistência, se fosse a alguns anos atrás, de um tempo pra cá é que eu estou me abrindo mais. Já dei entrevista e tal mas eu tinha a ignorância de resistir. De uns anos pra é que eu estou deixando sensibilizar em alguma coisa, estou repensando, mas confesso que eu tenho dificuldade. Estou tentando encontrar, não sei se vou conseguir, o meio termo nisso aí.

E: Tem algum outro cargo?

Bira de Xangô: Ajinuda Vitória, é a pessoas que prepara o Padê, erradamente dizem que é a Adagã.

E: Adagã um posto do Engenho Velho né?

Bira de Xangô: Não, nós temos o posto também de Adagã que nessa falta é uma substituta ao papel da Ajinuda, é um posto até mais alto que a Ajinuda a Adagã. Quando a Ajimuda não está podendo fazer ela faz também o padê, mas não é ela a encarregada direta do padê. A Adagã é um posto alto mais é um posto que ela se galanteia o Babalorixá e a Iakekerê em todos os sentidos, ela fica como uma curinga nas situações. Tem que ser uma pessoa que tem desenvoltura por que ela que dá conta de toda situação para os outros mais velhos.[...]

Aqui no Rio de Janeiro principalmente está muito uma coisa de obrigações de três anos, de cinco anos, de quatorze anos, de vinte e um anos tá. Existe a feitura da pessoa, que é a iniciação, Iaô, existe a obrigação de um ano, existe a obrigação de três anos e existe a obrigação de sete anos. O ciclo real de obrigação são estas. Na obrigação de sete anos não significa que a pessoa vai receber Babalaxé ou Decá, não é o caso e isso pode acontecer sim ou não. Depende do que a pessoa vai desempenhar, depende de cada um. A pessoa nos quatorze anos e nos vinte e um anos faz uma obrigação em homenagem a reverência grande por aquilo de ser datas assim como sete, quatorze, vinte e um, de coroamento de uma satisfação de acordo com aquele coroamento. Então isso é uma outra história, mas fica vinculado com etapas a serem cumpridas e não é isso. [...] É igual, por exemplo, eu fazer uma obrigação para o orixá ser reverenciado e eu estou fazendo trinta e cinco anos de orixá, mas não tem obrigação de trinta e cinco anos, entende o que isso quer dizer? Mas as pessoas não sei se pra ganhar dinheiro, não sei se por que tem situação. [sic] quando você é suspensão com sete anos você já é chamada de mãe. concorda? E Você é confirmada. Se você coloca saia você vai colocar já uma bata, concorda? Por que você é mãe. Claro que tem um limite como o Ogan tem o limite dele. Ogan não é pai de santo, Ekedi não é mãe de santo, mas tem um limite. Ekedi não tem obrigação de três anos pra fazer, nem de sete anos. Não estou aqui pra desmerecer ninguém, quando a pessoas chegam pra dizer isso eu digo “ah que bom, que ótimo que você fez”, mas não se assuste que não é isso. Se você é Ekedi, se você é Ogan e você nos seus três anos de confirmado você quer ver se o seu Orixá ou o Orixá pra quem você foi confirmado quer aceitar um vestido [sic] quer fazer uma reverência, isso é ótimo! É outra história, mas não é obrigado nem pode ser obrigado isso a obrigação. Nem é isso que vai te dar direito a tal.[...] Tem muitas coisas equivocadas e fica até difícil de você colocar o certo por que você vai estar desagradando uma meia dúzia de pessoas outras envolvidas. Então até que ponto a gente pode falar ou não? [...]

E: Nós estivemos na Omindareuá e ela tem várias fotos da África e eu perguntei como é que é lá? As coisas que faz aqui faz lá? Ela me disse que é a mesma coisa, só as roupas que não são iguais.

Bira de Xangô: É verdade. A essência é a mesma e você tocou numa coisa que eu fico muito triste e já vi isso em palestra, da qual eu participando, e como você vai desdizer a historiadores e pesquisadores, que o que se faz aqui se faz lá. Aí as pessoas “aqui é um outro Candomblé”. Não é. Claro que quando você transporta algo de um lugar para outro se tem uma adaptação de alguma coisa. Isso é natural, é lógico, concorda? Mas a essência, aí

eu digo assim; mas qual é a essência? Lá de dá carneiro a Xangô? Xangô, os assentamentos dele compõe os elementos numa gamela? Sim. É do Airá? Sim. O carneiro é trazido por uma corda? É. Se põe folha para o carneiro? Põe. Se bate a cabeça antes [sic] do bicho? Sim. Canta Ejé xororô? Canta. Cararô? Canta. Põe água no chão para chamar o Orixá? Põe. Parte o Obi? Parte. Reza o Obi? Reza. Reza o Orobô? Reza. Pra Xangô é Orobô que se dá no Obi? Sim. Oxum é dentro de uma louça. É. Não é uma loca chinesa que você pode comprar, mas é uma louça em cabaça, uma louça em barro. Os elementos de dentro são os mesmos? Sim. Agora você não vai ver nada de goma, você não vai ver os laçarotes, você não vai ver os requintes outros. Você não vai ver passando bandeja com salgadinhos (rs) Que está moda e é por isso eu fico triste. Então a essência é a mesma. Há algumas adaptações? Sim. Nossas? Sim. Mas a essência é a mesma. Tanto que o Verger quando escreveu aquele livro Os Orixás, aquele livro chamou atenção por que tem uma cerimônia que ele fala na África e outra cerimônia no Opo Afonjá, que ele diz que são coisas [a cerimonização] de um lado e do outro. A cerimonia de Oxoguiam com atori passa. Existe uma adaptação de lá pra cá? Sim, por causa da cultura, mas existe a cerimônia em si, entende? Então o que é diferente? É a arrumação da sala? Isto não é diferente, isto é outra história. Então como você vai dizer que aqui é um outro? Ou vai se achar melhor? Ou então “Ah, na África se perdeu tudo, o Candomblé está preservado no Brasil”.

O que é isso! Claro que não! A fonte continua sendo lá. Aqui graças aos nossos ancestrais que trouxeram, espíritos que estão flutuando até hoje durante séculos. Nós mantemos de maneira fantástica. Há coisas aqui até que lá se perdeu, aí é outra história. Como há coisas lá que aqui se perdeu. E há coisas lá que não veio pra cá. Então é outra história. Há coisas que nós preservamos aqui que lá se perdeu sim, que bom que nós preservamos. Há coisas que aqui se perdeu e lá se manteve. Então se você pode resgatar ótimo, você está agregando conhecimento, você está agregando valores, você está somando. Eu lhe chamava de Macia e eu aprendi com você me ensinando um pouco de português, de pronuncia que não é Macia é Márcia, então por que eu vou falar Macia, é ignorância, resistência ao agregar conhecimento não é modificar, eu não estou falando de modificar, eu não estou falando de esquecer. Você está agregando conhecimento, somando valores, você está se enriquecendo. [...] Então vamos manter, não é desvalorizar o que é nosso não, é estarmos abertos a nos alfabetizarmos mais, o português do Aurélio de quando eu tinha treze anos já em muitas coisas ultrapassado, então o agora é muito mais rico, mais continua com a mesma essência. E isso às vezes as pessoas mantém uma certa resistência. E outra é também por ter pego este acréscimo também quer esnobar àquele que chama de João. Não desmerece por que não é por aí. E pureza de alma por que dentro do Orixá é muito importante você ter na sua fala, na sua mente, no seu coração, que essas três sintonias saiam purificadas. É um equilíbrio. É muito importante se você der uma topada na porta da casa de Xangô e chegar na frente de Xangô mancando você diz: “Oh meu pai a sua filha está aqui mancando é por que eu dei uma topada na frente da sua casa, me perdoa por eu estar mancando diante do senhor”. É importante isso. A sua fala para o Orixá se ela estiver sintonizada é importante. “Meu pai muito obrigado por esta graça alcançada”, é o equilíbrio, “meu pai tira esta agonia que está dentro de mim, me ajude a sair desse...”. Esta sintonia está me entendendo? Sua mente, seu coração, sua fala é importante,”Xangô sabe o que está acontecendo comigo”.[...] Aí quer dizer que é filho do Opo Afonjá, quer dizer que é filho do Aganju, quer dizer que é filho do agodô ou que é filho do Alaketo mas não preserva os costumes e as tradições, quer usar o nome. São Babalorixás e Ialorixás que esqueceram que deixaram de ser filhos. Só são para falar no microfone ou pra falar para o outro, mas não são na verdade, não sabem pra que

lado vai a casa do Orixá, que é a pessoa que diz que é filho, não é? E como eu já vi pessoas que fizeram obrigação e dizem “ah, mas eu estou alforriado”. Aí eu digo eu quero que alguém me ensine essa obrigação ser alforriado por que eu quero a minha alforria. (rs) Por que o que eu sei é o seguinte, quantos mais anos você passa dentro da nossa religião, mas responsabilidade você tem, mas do Orixá você é. Por que um erro meu ele é muito mais grave que um erro seu. É o caso da consciência e do posto que eu exerço [...] continua falando do respeito que se deve ter na casa quanto a vestimenta e postura.

Toda quarta-feira nós celebramos a amalá todos os filhos que acompanham a casa toda quarta-feira isso é sagrado pra gente, é nossa missa toda quarta-feira com chuva, com sol, quarta-feira de cinzas. Se eu viajar pra Bahia ou outro lugar as pessoas da casa continuam entregando isso a amalá no Opo Afonjá é a mesma coisa. As pessoas não querem ter esse compromisso. [...] Agora vai haver uma longa discussão sobre a questão do Candomblé misturado, sobre educação no terreiro. Sobre as mudanças de casas que faz as pessoas perderem a identidade. Fala de experiências de vida. De como o orixá cumprimenta e castiga a pessoa.